

Este volume da Revista Pensamiento Americano é dedicada à reflexões sobre a família e a escola. De forma bastante simples, podemos começar afirmando que essas são duas instituições básicas para a socialização humana: a primeira é a família, onde aprendemos os primeiros passos da socialização, e a segunda é a escola, onde aprendemos a nos comportar dentro do mecanismo da cidadania. Afirmando que a cidadania é um mecanismo baseado nas leituras de Foucault, nos dispositivos de poder e, naturalmente, em um dos grandes teóricos do século XX, para quem a escola também era um organismo bastante interessante, uma vez que esse processo de socialização que se engendra nela atende a determinados interesses. Podemos aqui fazer algumas leituras sobre esses dois contextos separados (família e escola) em suas características positivas e negativas, bem como essa integração entre os dois e seus lados bonitos e não tão bonitos. Com isso, já fica claro que falar sobre esses dois pontos que vão ter uma intersecção não é algo frugal, não é algo frágil, é, portanto, algo bastante complexo e que atende às necessidades de seu momento histórico.

Além da sacralização tanto da família quanto da escola, é importante retirar o véu romântico sobre elas. Elas são células fundamentais para a sociedade, mas não são naturais. Neste editorial, não pretendo trabalhar a questão das famílias violentas ou tóxicas, quero convidá-los a percorrer outro caminho, um caminho mais amplo (sem, obviamente, esquecer que a violência doméstica, por exemplo, é bastante alarmante em toda a América Latina). A família e a escola são pontos-chave de dominação, como podemos ver, por exemplo, nos trabalhos de Harris (2019), Auzias (2011), Martínez (2017), entre outros.

Os seres humanos não sabem viver isolados, ou seja, a partir do momento em que os hominídeos se unem para sobreviver, e aprendem a se comunicar por meio da arte ou de sons guturais, começamos a ter a herança cultural passada por meio de um tipo de oralidade, como os neandertais que viviam em clãs de cerca de 18 indivíduos com algumas tarefas divididas, ou os sapiens que já conseguiam uma melhor comunicação e captura de ideias em suas cavernas conhecidas como arte rupestre. Harris (2019) e Martínez (2017) falam sobre família e educação de um ponto de vista bastante cultural e antropológico. Harris (2019) afirma que os grupos familiares são diferentes quando se analisam os diversos agrupamentos humanos e, portanto, a própria concepção de família, seja ela nuclear ou extensa, é um ponto de debate entre as diversas culturas existentes. Sim, os grupos familiares são diferentes, diferentes também são suas formas de educar seus filhos dentro da educação social de cada comunidade, de acordo com princípios, valores sociais, regras etc.

O mesmo vale para a escola, como, por exemplo, o trabalho de Auzias (2011) sobre o povo cigano e sua educação, em que as meninas de alguns grupos ciganos precisam se abster da escola para cuidar dos irmãos mais novos em casa. Obviamente, também entre os povos ciganos esse cenário está mudando, e a educação formal já faz parte de alguns desses grupos, em determinados países e localidades. Na Grécia antiga, os professores, como plano educacional, deveriam iniciar seus alunos púberes (do sexo masculino, obviamente, pois a educação nos ginásios era exclusiva para homens) nas artes da sexualidade, o que hoje conhecemos como pedofilia (Plácido, 2007). Assim:

A preparação dos jovens era realizada principalmente nos ginásios, onde o treinamento físico era completado pela preparação intelectual por meio de relações pederásticas que colocavam os jovens em contato com os mais velhos [...] Na sociedade aristocrática, o banquete desempenhava uma função semelhante: era uma reunião na qual o conhecimento da classe era transmitido e os jovens eram ligados aos mais velhos em relações pederásticas (p.195).

13

A partir daí, avançamos muitos séculos para encontrar as ideias de Foucault, para quem a escola não era mais um espaço de aprendizado, mas de disciplinamento dos indivíduos. Com a demarcação de horários de entrada,

almoço e saída, uniformes, violência, professores autoritários... todo um sistema para disciplinar (1993), para formar corpos dóceis (2009), à vontade do sistema vigente.

No entanto, quando nos reportamos ao nosso momento histórico, percebemos que a união da família e da escola atravessa algumas interseccionalidades, como quando as crianças frequentam a escola para ter pelo menos um lanche por dia, ou quando começam a não aprender bem por causa de problemas familiares ou da estrutura social onde vivem. Durante a pandemia da Covid-19, observamos casos em que a família estava presente durante a educação digital e casos em que a família era um obstáculo.

Assim, neste volume da Revista Pensamiento Americano, o tema da família e da escola perpassa alguns artigos, juntos ou separados, e convida outras categorias analíticas a terem seu espaço de discussão em uma grande escola digital, que é o espaço da revista científica.

Referências

Auzias, C. (2011). *Gitanas. Hablan las mujeres Roms de Europa*. La Rioja: Pepitas de Calabaza.

Foucault, M. (2009). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. São Paulo: Vozes.

Harris, M. (2019). *Antropología cultural*. Madrid: Alianza Editorial.

Martínez, S.R. (2017). *La piel como superficie simbólica. Procesos de transculturación en el arte contemporáneo*. Madrid: FCE

Placido, D. (2007). *El sexo en la sociedad griega: la paideía, los rituales, los mitos*. En: Celestino, S.P. *La imagen del sexo en la Antigüedad*. Barcelona: Tusquets.